

Centro Universitário Sagrado Coração

**Racionalidade e Subjetividade na Tomada de Decisões
Internacionais de Chefes de Estado da Direita Radical
Populista**

Bauru

2021

**Racionalidade e Subjetividade na Tomada de Decisões
Internacionais de Chefes de Estado da Direita Radical
Populista**

Relatório final apresentado ao Centro
Universitário Sagrado Coração.

**Bauru
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo
com ISBD

M539r

Mendonça, Marcelo Carulo Cabral

Racionalidade e subjetividade na tomada de decisões internacionais de chefes de estado da direita radical populista / Marcelo Carulo Cabral Mendonça. -- 2021.

50f.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pasquarelli

Monografia (Iniciação Científica em Relações Internacionais) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Chefes de Estado. 2. Psicológica. 3. Decisão Internacional. 4. Racionalidade. 5. Populismo. I. Pasquarelli,

Elaborado por Lidyane Silva Lima - CRB-8/9602

Dedicatória

Dedico essa pesquisa a todos os cidadãos e pessoas que não se sentem representados pelos governos de seus países. Aqueles que são esquecidos e que não tem instrução para lutar por seus direitos. Espero em Deus pelo dia em que serão lembrados e ressarcidos pela vida digna que nunca puderam ter, nem reivindicar.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador e meus colegas de curso pelos incentivos que me ajudaram a buscar força e leveza.

Agradeço a minha família e próximos, especialmente minha avó Veronice, minha mãe Marcelle, minha tia Marina e minha namorada Ana Elisa (Violeta). Obrigado pelo amor e esperança que vocês me proporcionam.

Resumo

O tema dessa pesquisa é pautado na análise cognitiva e psicológica de chefes de Estado (líderes que representam o seu Estado internacionalmente) focalizando mais especificamente naqueles que tem ideologia de direita radical de governo e de Populismo. Essa análise tem o intuito de identificar o processo de tomada de decisão desses indivíduos quando eles têm a responsabilidade ou tomam a responsabilidade de representar o seu Estado na resolução decisória de conflitos internacionais. Inicialmente, será desenvolvido um embasamento teórico sobre populismo e psicologia política para discutir os fatores influenciadores de decisão, como a percepção de contexto real em que o líder se encontra e a reação do mesmo para com a situação que, no fim, possibilitará classificação a extensão de racionalidade utilizada pelo chefe de Estado. Porém, para tanto, é necessário entender o indivíduo, o que e quem influencia os seus pensamentos (sendo fatores de raciocínio ou emotivos) que podem conduzir para uma decisão levando em conta seu Estado e os outros atores envolvidos. A análise derivada da psicologia política trabalhará junta com os conhecimentos da ciência política que define o populismo como ideologia, e dessa forma, líderes populistas poderão ser melhor compreendidos dentro dos paradigmas psicológicos.

Palavras Chave: Chefes de Estado, psicológica, decisão, internacionais, racionalidade, populismo.

Abstract

The subject of this research is based on the cognitive and psychological analysis of State leaders (those who represent their State internationally), focusing specifically on those ideologically defined as right-wing and populist. The analysis aims to identify the decision-making process of those leaders when they have the responsibility to, or simply, take action to represent their respective State in a resolution of an international conflict. Initially, theoretical basis will be developed regarding the topics of populism and political psychology, in order to discuss the influential factors that play into the political leaders' decision making. Those factors could be the leaders' understanding of reality and his reaction to it, leading to a latter categorization of the individual's rationality. However, it is necessary to understand the political leader in question, which includes what and who influenced and/or influences his thoughts (emotional or intellectual factors), information that precedes a decision accounting the State's interests and other possible interests involved. The analysis derived from political psychology will work together with the knowledge of political science that defines populism as an ideology and, in this way, populist leaders will be better understood within the psychological paradigms.

Keywords: State leaders, psychology, decision making, international, rationality, populism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DA LITERATURA.....	9
2. MATERIAIS E MÉTODOS	18
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5. REFERÊNCIAS.....	26

1. Introdução e Revisão da Literatura

Jon Elster, filósofo norueguês, definiu racionalidade como “o uso dos melhores meios para se alcançar um determinado fim” (1986, p.24), o que significaria que erros são desvios do que é considerado racional (MERCER, 2005). A maioria dos teóricos que discutem racionalidade devem concordar com essa definição, porém se dividem na determinação de quais são os “melhores meios” para esse objetivo final (MERCER, 2005). Mas, antes de qualquer debate sobre racionalidade hoje, é necessário entender como construiu-se a essa discussão.

Segundo a obra de Jonathan Mercer, “*Rationality and Psychology in International Politics*”, o entendimento de racionalidade se evoluiu a medida em que a humanidade e a pesquisa sobre a mesma se desenvolveram. Onde a antropologia se aflorou, inicialmente, pelo embasamento teórico sustentado apenas por raciocínio lógico, a evolução da tecnologia deu luz a aspectos humanos desconhecidos aos olhos nus. Com o aprimoramento da neurociência, como nas técnicas de tomografia cerebral, passou a ser possível examinar sinais de emoção no cérebro. Com essa descoberta, foi alcançado maior entendimento sobre estímulos internos (dos quais, até então, não tinham provas para sua existência) e, conseqüentemente, foi traçada uma teoria mais confiável para a relação entre estímulos e incentivos externos em seres vivos, em geral.

O avanço na compreensão psicológica permitiu que esta não fosse mais limitada ao ramo behaviorista e da psicologia popular, que preterem a influência mental para explicar tomadas de decisão, quaisquer que forem. A inclusão da influência da mente na psicologia permitiu que questões fossem levantadas sobre a papel da emoção na tomada de decisões como se ela contribuiria ou atrapalharia o ser humano a escolher a opção mais racional em certos casos. Ao contrário do que se acreditava antes, quando se atribuía à estímulos internos (emoção, personalidade etc.) apenas o que contrariava a suposição da supremacia dos incentivos externos sobre a ação de indivíduos, teóricos passaram a perceber a importância da emoção na tomada de decisões mais sensatas, pertinentes, racionais, dependendo da situação e da sua intensidade (MERCER, 2005).

Essa mudança de olhar permitiu que a psicologia ganhasse maior espaço para explicar aspectos políticos, como reputação, confiança, identidade e justiça, os quais teóricos defensores da racionalidade cognitiva (sem a noção vinda da psicologia) não conseguiam explicar convincentemente (MERCER, 2005). Portanto, é necessário considerar a psicologia na análise de racionalidade, uma vez que uma análise coerente deve se atentar a situações onde o indivíduo é tomado em abundância por estímulos internos nas suas atitudes, porque esta pode levar a erros, o que caracterizaria uma atitude irracional.

O artigo “Who Leads Matters” de Margaret Hermann e Thomas Preston, publicado em 2001, utiliza-se da psicologia política para a análise de líderes políticos quando se comportam como líderes predominantes nas Relações Exteriores. Eles criam uma divisão categórica para classificação de líderes a partir de termos frequentemente usados na mídia e jornais políticos, levando em conta a sensibilidade para informações e relacionamentos demonstrada durante o processo de uma decisão de política internacional.

Para que se possa analisar o processo individual mental de decisão internacional por líderes representantes do Estado, como é o foco de análise dessa pesquisa, torna-se viável que sejam observadas as situações onde a unidade de decisão estatal esteja concentrada predominantemente em uma cabeça apenas, caracterizando esse líder estatal como líder predominante, em dada situação. Portanto, quando um único indivíduo torna-se competente para tomar a decisão de como o Estado irá responder a um conflito nas Relações Internacionais, ele pode ser chamado de líder predominante. O representante governamental que toma o posto situacional de líder predominante e que tem unidade decisória é o chamado chefe de Estado, titular do cargo hierarquicamente mais alto no governo do país e responsável pela aparição internacional dele.

As situações em que um chefe de Estado age como um líder predominante são quando: este tem um particular interesse em política externa e ativo envolvimento em conflitos de segurança estrangeira; um problema de política externa é identificado pelo governo estatal como uma crise internacional; uma situação de relações internacionais requer grandes níveis de diplomacia ou protocolo, ou; um problema é considerado de grande interesse pelo líder (HERMANN e PRESTON, 2001). Apesar de poder-se

identificar um chefe de Estado atuando como líder predominante sob qualquer dessas situações listadas, em governos de regime democráticos, estudiosos observaram que é sob uma situação de crise internacional que a contração de poder acontece de forma mais legalmente legítima nas mãos dele (HERMANN, 1972; GEORGE, 1980; LEBOW, 1981; HAMPSON, 1988; 'T HART, 1990), diminuindo as restrições institucionais e normativas usuais e aumentando a latitude do poder decisório do líder que assume a posição predominante (HERMANN e PRESTON, 2001). Interessantemente, surge-se nesse ponto um debate sobre o quão diferente são os governos democráticos dos autocráticos no processo de implementação prática da política externa (MERRIT e ZINESS, 1991).

Em "Who Leads Matters", os autores criam estruturação das categorias de líderes predominantes a partir do processo de tomada de decisões tomado por eles. Hermann e Preston definem três fatores influentes na tomada de decisões: a abertura para consideração de informações (sejam contextuais ou opiniões de outrem); o tipo de reação para com restrições políticas presentes e impostas (do âmbito interno ou internacional); e a motivação que rege a ação do líder. Dependendo da sensibilidade que o líder demonstra em cada uma dessas três categorias em um determinado processo decisório, ele é classificado em uma de oito categorias possíveis. O texto, porém, é enfático em evidenciar que líderes podem ao longo do tempo transitar entre diferentes categorias, assim como outros podem demonstrar uma tendência de permanecer mais fixo em um tipo de categoria ao longo de suas jornadas como líderes predominantes.

Existem dois motivos que levariam líderes a transitar entre categorias: a primeira é porque as oito categorias são consideradas como "tipos ideais", significando que caso o líder não seja tão claramente sensível ou insensível em um dos três fatores de influência de decisão, facilitaria a maleabilidade para transitar entre categorias dependendo do conflito ao longo da sua atuação como líder predominante; já a segunda explicação teria como foco a complexidade do fator "reação para com restrições políticas" já que existe a possibilidade de o líder poder respeitar mais as restrições internas de seu Estado, enquanto ele sabe e/ou deseja desafiar com mais frequência restrições internacionais (e vice-versa). Tal possibilidade, portanto, faz com que a

variável de "reação para com restrições políticas" seja ainda mais instável do que as outras duas (HERMANN e PRESTON, 2001).

A intenção dessa pesquisa, ao considerar o trabalho de Hermann e Preston, é estruturar uma plausível e profunda compreensão de racionalidade a partir do comportamento de chefes de Estado enquanto exercendo o papel de líderes predominantes. Devido a consideração da psicologia política usada na construção da obra, que é evidenciada por destacar os três fatores influentes na tomada de decisão que necessitam tanto de compreensão cognitiva como psicológica (reação a restrições, abertura a informação e motivação da ação), a linha de pensamento dos autores de "Who Leads Matters" segue a visão do modelo racional ideal, que será desenvolvido, deseja apresentar.

A intenção de desenvolver um modelo que se aproxime ao máximo de um modelo racional ideal se fundamenta na necessidade de entender o que hoje, com a compreensão que possuímos através de teorias e pesquisas científicas, temos como a uso da cognição e psiquê de forma mais adequada para se tomar decisões, e usar isso para trazer na análise da Política Externa de Estados. A importância desse modelo seria a possibilidade de utilizá-lo finalmente como objeto de comparação entre um processo de decisão considerado ideal e qualquer outro processo de decisão utilizado por um líder predominante na história de Políticas Externas nacionais. Para isso, será necessária a compreensão de todos os fatores cognitivos e psicológicos que influenciam (de maneira positiva ou negativa) a tomada de decisão de chefes de Estado enquanto exercendo a postura de unidade decisória.

Na obra de Mercer, ele argumenta logicamente, e com exemplos de pesquisa, como tanto a consideração exclusiva de fatores cognitivos como a consideração de apenas fatores psicológicos tem grande tendência de erroneamente analisar a racionalidade de uma decisão. Ele expressa, portanto, que nem o modelo racional cognitivo ou o modelo psicológico são infalíveis, mas sim que podem trabalhar complementando um ao outro (MERCER, 2005). Logo, serão utilizados tanto os fatores da teoria cognitiva de racionalidade como os fatores considerados pela teoria psicológica de racionalidade para se desenvolver um modelo mais preciso e eficaz possível para análise de mentalidade de indivíduos no processo de tomada decisória na política

internacional, e conseqüentemente, a identificação de fatores pontuais responsáveis por desvios da racionalidade (erros mentais que levam a irracionalidade de uma decisão).

Hans Morgenthau, teórico responsável pela criação da teoria realista de Relações Internacionais, já apontava a possibilidade de falha no racionalismo humano na sua obra chamada "Política entre as Nações" de 1946. Ele destacou quatro fenômenos mentais corriqueiros que levam a uma decisão de parcelas irracionais: "a obsolência, em face de uma nova realidade uma nova realidade social, de modos de pensar e de agir que até então se mostravam adequados; as interpretações demonológicas, que substituem a realidade dos fatos por uma outra, fictícia, povoada por pessoas malvadas, mais do que por questões intratáveis; a recusa de enfrentar um estado de coisas ameaçador, que é negado mediante o recurso a uma verbalização ilusória; e crença na infinita maleabilidade de uma realidade notavelmente turbulenta" (MORGENTHAU, 1946, p.11). A seguir vamos discutir a relevância de cada um desses fenômenos para a os dias atuais.

Quanto ao primeiro fenômeno, da obsolência, deve-se ser questionado a frequência com que isso de acontece hoje em dia. Devido ao desenvolvimento da tecnologia e da pesquisa científica, a diminuição da ocorrência dessa falha deve ser considerável, porém ainda precisaria ser verificado em pesquisas para se definir a extensão de seu decremento. O segundo fenômeno sinaliza os diversos motivos os quais líderes podem demonstrar um julgamento nebuloso, seja por fatores cognitivos ou psicológicos. Muito possível que a maior parte dos fatores que Morgenthau se refere ainda aconteçam nos dias de hoje, apenas se diferenciando por suas origens. Além disso, essa falha pode até ter sido intensificada ao longo do tempo (a influência da corrupção de informação no meio digital e globalizado pode ter grande influência na construção de concepções equivocadas, por exemplo).

Já o terceiro fenômeno, que pode ser denominado como a influência do medo, é indiscutivelmente uma característica inata inata do ser humano. O medo não é um sentimento necessariamente ruim, mas pode ser um fator psicológico que opera contra o seu detentor se em demasia. O último fator também descreve um tipo de fenômeno que ainda pode acontecer se o líder for tomado por uma arrogância ao extremo e insensatez, sendo irresponsavelmente ousado na sua decisão.

É importante que se destaque, adicionalmente, a importância da subjetividade para a compreensão de racionalidade. Devido a ainda presente incapacidade científica de se acessar o cérebro humano de forma completa, muito do que nos atrevemos falar sobre o raciocínio, emoção e, conseqüentemente, racionalidade, pode se basear apenas em hipóteses. Portanto, é necessário que o analista científico tenha consciência do que é uma afirmação com base científica comprovada e distinguir essa da afirmação hipotética. Para construção de pensamentos hipotéticos, a pesquisa se baseará no que a psicologia política ainda entende como subjetividade.

A pesquisa se delimitará a análise de chefes de Estado da ideologia denominada como Direita Radical Populista, que se refere a indivíduos do modelo econômico de extrema direita com a metodologia de governo populista. A escolha pelo termo "populista" parte da definição dada por Cas Mudde e Cristóbal Kaltwasser na obra "Populism" de 2017. Os autores são sensíveis, no livro, a outras definições desenvolvidas anteriormente, porém decidem se comprometer com a escrita de uma nova obra que iria tanto conciliar definições, que estavam avulsas e muitas vezes concorrentes entre si, como também adicionar ideias mais contemporâneas e, para eles, mais coerentes.

O conceito de "Populismo", se baseia inicialmente pela introdução de uma ideia de rejeição do estabelecimento político e o surgimento de um líder que defende valores e posicionamentos aos quais uma parte da população ("*the people*") se identifica. O livro ilustra essa ideia de oposição do povo como uma batalha entre a "população de vontade pura" contra "a elite corrupta", que está no poder, e que não representa necessariamente a elite econômica (MUDDE e KALTWASSER, 2017).

Os autores apresentam a seguinte definição para ideologia: "Um corpo de ideias normativas sobre a natureza do homem e a sociedade, assim como a organização e propósitos de sociedade" (2017, p.6). A partir disso, se constata que a base da ideologia populista é "centralmente fina" porque ela é flexível e adaptável, mas necessita de outras ideologias para se sustentar e ser aplicável na política. Ideologias as quais o Populismo pode se complementar são as "centralmente densas" que possuem maior conjunto de ideias normativas. Exemplos de ideologias centralmente densas seriam o Fascismo, Liberalismo e Socialismo (MUDDE e KALTWASSER, 2017).

Assim, por conta desta pesquisa estar focada em analisar líderes com posicionamento político direitista, aspectos do Fascismo e Liberalismo estarão mais evidenciados no caráter de suas decisões como, por exemplo, o Socialismo, característico de governos esquerdistas do espectro. Porém atentar-se, nessa pesquisa, a governos onde, pelo menos no início de seus mandatos, conduzem com características democráticas de governo (onde as restrições para a atuação de líderes têm freios e contrapesos). A seguir veremos os chefes de Estados que serão analisados durante a pesquisa.

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos da América será um dos chefes de Estado proximamente analisados na pesquisa. Atuando pela maior parte de sua carreira profissional como empresário, de grande reconhecimento por sinal, iniciou a demonstrar interesse pela carreira política no começo do século. Concorrendo algumas vezes por diversos partidos (Democrático e por partidos independentes, primeiramente), venceu a eleição nacional em 2016 e assumiu a presidência em 2017, e atualmente mantém o posto. Conhecido pelo seu discurso nacionalista, isolacionista e contundente para aqueles que se identificam, Trump seria considerado um Populista Radical de direita e apto para o que pretendemos desenvolver.

Jair Messias Bolsonaro, presidente da República do Brasil, será outro chefe de Estado a ser analisado como objeto de pesquisa. Já há anos atuando na política brasileira, Bolsonaro foi eleito em 2018 como presidente. Ele começou a ganhar popularidade dentre a população a partir do declínio de prestígio do partido que anteriormente era representado na presidência, o Partido do Trabalhador (PT), em uma época de grande crise econômica. Com grandes críticas ao partido que concentrava os seus discursos a população mais carente, Bolsonaro surgiu com discurso de apoio a classes mais altas e principalmente, retomar valores familiares e religiosos considerados abandonados, o que trouxe a ele muito apoio de partes da população. Será importante e necessário analisar como sua forte ideologia política atua na sua racionalidade das decisões internacionais.

Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria, e Mateusz Morawiecki, primeiro-ministro da Polônia, são outros chefes de Estado do tipo de Estados abordado. Eles foram escolhidos para esse estudo principalmente por representarem ideias

isolacionistas na Europa e na União Europeia, onde presa-se pela interdependência e comunitarismo.

Outro fundamento que conceitua o Populismo é a visão, quase que maniqueísta, de que a sociedade é dividida em dois campos homogêneos e antagonistas: o povo (“*the people*”), que é essencialmente puro, e a elite (“*the elite*”), que é essencialmente corrupta. Assim, a partir desta interpretação, a política deve ser uma expressão da vontade geral do povo (MUDDE e KALTWASSER, 2017).

Através da definição de populismo se tira os três conceitos que o compõe: o povo, a elite e a vontade geral. Aprofundando o conhecimento sobre o que cada um e compreendendo a que parte da sociedade cada um se refere, teremos mais competência para observar populismo na história e na atualidade.

Para se entender ao que se refere “o povo”, é necessário compreender que sua delimitação sociológica envolve uma interpretação (ou simplificação) da realidade. O povo não se restringe a uma identidade, mas une diferentes grupos sociais e eleitorados em prol de uma causa em comum. Existem três atributos que servem para a construção do que vem a ser “o povo”: o povo como soberano, como as pessoas comuns e como a nação.

A noção de que o povo é soberano se parte não somente de ideia da antiga democracia grega de que o povo é a fonte da política, mas se pauta na noção proporcionada pelas Revoluções Francesa e Americana de que o povo é, sim, o legítimo governante da sociedade. Isso significa que mesmo que a elite se encontre no poder político num dado momento histórico, se o povo não se sentir representado, ele pode e deve se mobilizar e se revoltar.

1. 1. Justificativa

Com a presença de múltiplos representantes estatais da direita radical populista na atualidade, torna-se necessário entender a forma de atuação de governantes com essa linha de pensamento. Em governos democráticos, os governantes são representantes eleitos com a responsabilidade de defender o interesse nacional. A psicologia política, portanto, atuaria essencialmente na tarefa de analisar a mentalidade

por trás das decisões deles em conflitos internacionais. Através de uma melhor compreensão do processo de tomada de decisão de chefes de Estado de um Estado democrático, facilitaria o desenvolvimento de um senso crítico mais aguçado e capaz de julgar as atitudes governamentais de política externa com mais perícia, verificando se elas condizem com a melhor possibilidade de decisão dentro de suas circunstâncias, que seria o modelo racional esperado.

1. 2. Objetivo(s)

Objetivo geral

O presente trabalho tem como objetivo geral estruturar um modelo analítico para interpretar racionalmente as decisões políticas internacionais de chefes de Estado conservadores de Estados democráticos, de forma que se possa entender mais profundamente a individualidade psicológica e intelectual de líderes nacionais de cargo político hierarquicamente semelhantes.

Objetivos específicos

- Entender como o campo da psicologia política se tornou primordial para compreensão de racionalidade no comportamento de políticos
- Analisar a atuação de líderes como Donald Trump, Jair Bolsonaro e Viktor Orbán, na resolução de conflitos internacionais, considerando possíveis influências internas e externas;
- Distinguir as distintas formas de governança usadas por cada político analisado, sendo sensível aos interesses estatais e individuais de cada um deles;
- Apontar fenômenos mentais que defrontam a racionalidade presentes no processo de tomada de decisão dos indivíduos analisados;
- Criar uma linha de pensamento hipotética sobre o papel da subjetividade para a racionalidade

2. Materiais e Métodos

Materiais:

Digitais: Artigos científicos, sites acadêmicos, Ebooks.

Palpáveis: Livros, bloco de notas, canetas, papel sulfite, impressora, computador.

Métodos científicos:

Os métodos utilizados são o método indutivo e o método hipotético-dedutivo. O indutivo está sendo usado quando houver informação suficiente para inferir-se logicamente. Por exemplo: quando se houver evidências de uso de emoção em demasia e o viés na percepção de uma situação, será possível inferir que o líder está agindo irracionalmente. O método hipotético-dedutivo será usado quando não se houver informação suficiente e será necessário permanecer na subjetividade.

A partir das leituras e discussões em grupo de pesquisa, tive contribuição de novas referências para me aprofundar e fui iluminado com raciocínios e percepções de colegas. Tais ganhos me ajudaram e me ajudarão no meu método de construção da pesquisa científica, uma vez que adesão de várias fontes de informação e de pensar contribuem para a indução. Assim, a revisão da literatura iluminada pelas discussões em grupo dá espaço para novas percepções do anteriormente visitado e proporciona outros caminhos a se percorrer até a conclusão da pesquisa.

3. Resultados e Discussão dos Resultados

Com o avanço da psicologia e neurociência, o campo de Ciências Humanas pode ser analisado, hoje, com por um âmbito mais intrínseco e direcional. A psicologia ganha, portanto, mais confiabilidade através dos experimentos tecnológicos e as análises com dados concretos que ela proporciona. A partir disso, o olhar mais próximo das faculdades mentais do ser humano surge como uma ponte importantíssima para a busca de

compreensão do processo de tomada de decisão humana.

Uma vez que discussões sobre racionalidade já foram traçadas ao longo de muitos anos, construções intelectuais trazem uma bagagem teórica extensa sobre o assunto. Em contrapartida, com o avanço da ciência proporcionado pela revolução tecnológica, pesquisadores da atualidade têm acesso a dados empíricos obtidos e comprovados por essa ciência pós-moderna, o que traz uma ampliação e aprofundamento em todas as áreas de pesquisa científica. Consequentemente, o campo da psicologia política é uma das áreas que recentemente ganhou uma nova perspectiva. Diante dessa nova realidade, cabe aos pesquisadores contemporâneos juntar as peças, que ainda podem ser aproveitadas, provenientes do embasamento teórico que vem sendo construído por décadas aos experimentos práticos da ciência contemporânea.

Do que se pode apontar como concreto a respeito da racionalidade observada pela psicologia política é que ela envolve tanto a cognição que promove ações dignas de serem julgadas pelo senso comum (o intelecto e a lógica) como também a cognição que está envolvida por emoções e circunstâncias complexas, que não devem ser analisadas superficialmente. A partir disso, não se deve desconsiderar os sentimentos e emoções humanas nem classificar estes, de forma simples e geral, como danosos à racionalidade. O que faz isso legítimo é a importância que a emoção e o sentimentalismo têm para um ser vivente social e psicológico como o ser humano em circunstâncias como a inerente criação psicológica da reputação, no estabelecimento de confiança e na percepção de justiça (MERCER, 2005).

A atividade cerebral que diferencia o ser humano dos outros animais se traduz não somente na sua capacidade de desenvolver artifícios palpáveis e complexos, mas também na construção de percepções sobre sua volta, que ditam suas ações em momentos mais corriqueiros e banais como também em situações delicadas e ímpares.

Adicionado a isso, quando nós dizemos que o ser humano é um ser social, está implícito que ele também é um ser político. Por isso, a racionalidade é um conceito tão importante a ser abordado na Ciência Política. Nós tomamos decisões e nos relacionamos com os outros a partir de partes mais internas que formam nosso “Eu”, assim como circunstâncias externas que influenciam as faculdades mentais a partir da primeira interação.

Mas com fato de os seres humanos serem tão complexos e diferentes entre si, como podemos desenvolver um meio de entender melhor o nosso processo de tomada de decisão considerando cada caso de acordo com sua individualidade? No estudo de Hermann e Preston sobre a importância de olharmos para os líderes estatais atuação em Política Externa, a categorização de atores predominantes é importante para uma organização analítica que aponta o nível e a forma com que líderes estatais atuam e atuaram distintamente uns dos outros nas decisões tomadas em Política Externa.

Para categorização desenvolvida dentro do estudo, a psicologia política faz-se essencial pelos seguintes motivos: primeiramente, ao apontar a necessidade de observar fatores que envolvem toda a construção da personalidade dos líderes para exercerem seus postos decisórios em âmbitos macro e micro; e, secundamente, ao imergir-se na análise de líderes, individualmente, para categorizá-los segundo a abertura de cada um para novas informações, a forma com que cada um lida com obstáculos e restrições domésticas e internacionais, e a motivação das ações dos líderes (que por mais sejam influenciados pelas circunstâncias na tomada de decisões, a forma com que lidam com as variáveis parte de uma conjuntura individual intrínseca).

Além de toda uma construção vinda da psicologia política, existiu uma necessidade de delimitar o foco de análise para a pesquisa. O que se decidiu foi a restrição para a observação e análise de líderes que se enquadram dentro da categoria da ideologia de direita radical populista. E a partir de literaturas sobre direita radical e populismo, é possível se sustentar ou não o intuito de analisar figuras como presidente do Brasil Jair Bolsonaro, o ex-presidente estadunidense (que era o atual presidente na época do início da pesquisa) Donald Trump e primeiro-ministro da Hungria Viktor Orbán.

Diante do aprofundamento teórico no conceito de Populismo e da direita radical, componentes desses temas também têm sido importantes para a compreensão da atuação de líderes que se encaixam dentro destas características políticas e suas conjunturas nacionais. Pode-se apontar, por exemplo, que a partir de movimentos e ideias governamentais populistas observam-se constantes, como a delimitação de um grupo inimigo da causa conceituado com “Elite”, o qual age contra a vontade legítima do “povo”. O movimento é liderado, então, por um defensor da causa do “povo” e de sua “vontade comum” e o tal apresenta ideias de governo (de direita, centro, esquerda) e

objetivos políticos (combate à corrupção, defesa do nacionalismo e/ou outros) que correspondem a uma realidade almejada por ele e pela população que ele deseja se vincular (MUDDE e KALTWASSER, 2017).

A partir dessa perspectiva ideológica caracterizada pelo Populismo, podemos observar a presente influência do uso da linguagem e a retórica para a materialização de decisões e posicionamentos dos líderes estatais. A exposição de discursos políticos e a forma com que os líderes políticos dialogam e se expressam se traduzem em atitudes concretas que servem como catalisadores nas pautas internacionais. A racionalidade dos líderes só pode ser observada, na maioria das vezes, através do uso comunicativo dos políticos. Como a população comum, muitas vezes, não está presente no momento em que as decisões são tomadas, a forma como os líderes se expressam é determinante para analisarmos as motivações e intenções por trás das decisões políticas em geral, e as decisões referente às Relações Internacionais não são diferentes. Portanto, a forma como os líderes se expressam é extremamente importante para a discussão de racionalidade.

Além do mais, englobando essa linha de raciocínio para os líderes populistas em foco, a ideologia populista utiliza muito do discurso maniqueísta pra definir seus aliados e seus inimigos políticos. Quando se trata desse comportamento polarizador propagado fala, podemos encaixar os três líderes – Jair Bolsonaro, Donald Trump e Viktor Orbán – dentro desse modo de conduta. Esses líderes se mostraram, ao longo dos seus anos como chefes de Estado de seus países, líderes polarizadores através dos seus embates políticos, e tal comportamento se traduziu na esfera internacional. O alinhamento ideológico de um populismo regido por crenças conservadoras uniu alguns poucos líderes para aliança anti-globalista dentro do cenário das Relações Internacionais. Tal postura reacionária se demonstrou na aversão de Brasil, Hungria e Estados Unidos com muitos regimes e instituições internacionais. Durante o período de Pandemia da Covid-19, as lideranças de Brasil e os EUA, principalmente, tiveram muitos embates com outros Estados, instituições internacionais e órgãos não-estatais referente aos protocolos de controle e combate ao vírus. Quanto à Hungria, atualmente sofre com denúncias e julgamentos da União Europeia quanto à violações de políticas supranacionais da instituição.

Ao que se refere às decisões tomadas pelos líderes estatais em análise, o populismo se demonstra muito presente através da forma com que tais políticos demonstram seus posicionamentos e decisões, além da própria tomada de decisão e jogo político em meio às burocracias. O uso (por hora, literal, e em outros momentos, subentendido) da linguagem de “eu” ou “nós” contra “eles”, orienta a perspectiva exposta para a população e mídia, e é tão presente na orientação dos discursos dos líderes que se tornou um padrão de conduta que dita as relações políticas e eleitorais.

Portanto, a forma como os chefes de Estado orientam suas decisões e o impacto causado por estas decisões estão atrelados à forma como eles se expressam e utilizam da comunicação para transmitir suas ideias e posicionamentos. Dessa maneira, a análise de racionalidade de líderes políticos, com enfoque nos populistas de direita, se ramifica para o fator da oratória e objetos de linguagem – que pode ser tanto escrita (redes sociais e mídias) como oral (discursos ao vivo e vídeos gravados e postados na internet). A utilização de discursos intencionais e articulados é um fator importantíssimo para se observar e compreender o objetivo populista dos líderes em pauta, que é catalisador de apoio político e eleitoral por alguma parcela - dos que compõe os governos e as populações - na mesma medida que traz aversão de outros, também - da camada política e do povo em geral.

Por último, a subjetividade entra em questão na análise de racionalidade de populistas de direita uma vez em que a própria racionalidade é subjetiva. O que se pode atribuir à compreensão das decisões dos líderes estatais é em grande parte (se não totalmente) objeto de interpretação. A possibilidade de análise de decisões dos políticos em pauta se parte, em primeiro lugar, da existência de registros e/ou experiências documentadas de situações em que o indivíduo se portou como tomador de decisão. Segundamente, tais registros, em grande parte das vezes, já foram transcritos, documentados e/ou transmitidos com algum viés, uma vez que nenhum ser humano nunca se comporta de forma totalmente imparcial. E, nessa mesma linha, a análise final inevitavelmente tem componentes de parcialidade que entram no cominho de um resultado final totalmente objetivo.

Diante dessa situação, a perspectiva do interlocutor é tão importante quanto e deve ser tão analisada como a perspectiva do locutor. Quando se observa, se busca

compreensão e se busca conceituação da melhor forma, existe a necessidade de entender tanto a fonte original da informação (uma atitude, um discurso ou outro vindo do líder em foco) como tudo que essa informação foi sujeita (a transmissão, o relato etc), além da própria perspectiva do analisador. A interpretação da informação necessita, também, de uma análise racional para que se adeque ao objetivo de analisar a racionalidade do objeto (no caso desta pesquisa, os líderes estatais populistas de direita racial) dentro das circunstâncias almejadas (no cenário decisório internacional).

4. Considerações Finais

A partir do que foi observado, analisado e discutido nessa pesquisa, cabe-se pontuar, inicialmente, a importância do questionamento interno e em conjunto com pessoas próximas a respeito de temas complexos, porém revelantes da realidade que nos engloba. O estudo de psicologia política se faz relevante por conta da necessidade de um entendimento mais profundo das faculdades mentais que proporcionam a capacidade intelectual e psíquica do homem de ser um ser político. A partir disso, a ciência política traz uma abordagem de estudo para a compreensão teórica e científica do desenvolvimento do campo político prático. Dessa forma, um tema de pesquisa científica que transcorre o campo da psicologia política e a ciência política, alicerçados nas Relações Internacionais, possibilita a direcionamento e congruência de uma busca sistematizada pelo conhecimento internacionalmente relevante no meio das relações interpessoais e societárias através da análise de evidências práticas e da análise de evidências intrínsecas do que compõe a faculdade mental do ser humano.

Mais especificamente, o tema “Racionalidade e Subjetividade na Tomada de Decisões Internacionais de Chefes de Estado da Direita Radical Populista” proporcionou um possibilidade de aprofundamento em uma diversidade de tópicos. Estes foram: racionalidade, subjetividade, tomada de decisão, chefes de Estado, Direita radical e Populismo. O estudo individual desses tópicos de análise adicionou em grande proporção para os conhecimentos previamente presentes. Porém, o mais importante de

tudo foi a construção analítica, reflexiva e criativa na ligação de todos esses sub-ênfoques de análise que compunham o tema em pauta na sua totalidade.

Através da investigação e análise dos tópicos de racionalidade, subjetividade e tomada de decisão, fui iluminado em compreender mais profundamente a atual perspectiva científica sobre nossas faculdades mentais e como podemos conceituá-las. Foi importante desmistificar o comum, porém errôneo pensamento de que nossas emoções atrapalham nosso pensamento racional. Na verdade, as emoções humanas e sua complexidade fazem com que nossa cosmovisão seja muito mais aguçada e sensível às circunstâncias do mundo exterior e psíquico. Quanto à subjetividade, o entendimento do seu papel para os detalhes mais abstratos da conjuntura analítica foi determinante para a própria racionalidade fosse conceituada de melhor forma.

Adicionalmente, a tomada de decisão foi um tópico importante para o estudo sob o olhar da psicologia política. Isso porque a psicologia trouxe uma iluminação mais causal, através do seu olhar para a motivação e para contexto biológico e de estímulos. Enquanto isso a ciência política traz uma perspectiva para a tomada de decisão de ramificações interpessoais, trazendo à tona a influência das decisões para um contexto de impacto político que envolve interesses, objetivos, disputas e que tem consequências materiais.

Diante desse contexto da ciência política, os chefes de Estado se fazem importantes pelo seu cargo de representantes Estatais. Diante de uma restrição proposital do tema, analisar os chefes estados da direita radical populista foi enriquecedor. Isso se deu ao fato de me aprofundar mais na teoria política do populismo e do seu contexto histórico, pontos que me permitiram ter um olhar mais embasado para o contexto dos líderes que escolhi analisar. A partir de então, observar, refletir e discutir sobre decisões de relevância protagonizadas por Bolsonaro, Trump e Orbán se fez possível dentro da metodologia escolhida.

Em último lugar, a racionalidade se confirmou ser um artefato de extrema importância para reflexão e pesquisa. Através de olhares da psicologia e da política, podemos compreender como o ser humano pensa como o faz e toma decisões da forma que elas se traduzem quando ele é encarregado de cargos importantes. Como

perspectiva e/ou indicação para futuras pesquisas, outros objetos de análise de outras orientações políticas e de outros campos da política podem ser colocados em foco.

5. Referências

ELSTER, Jon. **Rational Choice**. New York: New York University Press, 1986.

George, Alexander L. **Presidential Decision Making in Foreign Policy: The Effective use on Information and Advice**. Boulder CO: Westview Press, 1980.

Hampson, Fen O. **The Divided Decision Maker: American Domestic Politics and the Cuban Crisis**. In *The Domestic Sources of American Foreign Policy*, edited by Charles W. Kegley Jr., and Eugene R. Wittkopf. New York: St Martin's Press, 1988.

't Hart Paul. **Groupthink in Government: A Study Of Small Groups and Policy Fiascoes**. Amsterdam: Swetz and Zeitlinger, 1990.

Hermann, Charles F. **International Crises Insights from Behavioral Research**. New York: Free Press, 1972.

Hermann, M., Preston, T., Korany, B., & Shaw, T. **Who Leads Matters: The Effects of Powerful Individuals**. *International Studies Review*. Maiden, USA and Oxford, UK: Blackwell Publishers, 2001.

Lebow, Richard Ned. **Between Peace and War: The nature of international crisis**. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1981.

MERCER, Jonathan. **Rationality and Psychology in International Politics**. [S.I.]: Cambridge University Press, 2005.

Merrit, Richard L. and Dina A. Zinnes. **Democracies and War**. In *Measuring War*. Edited by Alex Inkeles. New Brunswick: Transaction Books, 1991.

Morgenthau, Hans J. **A Política Entre As Nações: A Luta Pela Guerra e Paz**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2003.

MUDDE, Cass; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A Very Short Introduction**. New York: Oxford University Press, 2017.